Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ► NÚMERO 480 ► DE 14 A 27 DE MAIO DE 2014 ► ANO 17

R$ 2

Montagem: Romerito Pontes

Lutas e greves entram em campo

12 de junho: vamos pra rua!

A questão do poder e os anarquistas
Página 14

Jair Rodrigues: Upa, neguinho!
Página 15

Zé Maria: pré-candidatura realiza seminário de programa
Página 16

'CURA GAY' VOLTOU 1 - Arquivado em julho de 2013 o projeto de lei que autoriza a chamada "cura gay" voltou a tramitar no mês passado na Câmara dos Deputados. A proposta foi encaminhada à Comissão de Direitos Humanos, onde aguarda designação de relator.

'CURA GAY' VOLTOU 2 – O texto, protocolado pelo deputado Pastor Eurico (PSB-PE), derruba resolução de 1999 do Conselho de Psicologia que proíbe tratamentos destinados a "reverter a homossexualidade".

#TÔCOMZÉMARIA

O jornal Diário do Grande ABC entrevistou Zé Maria, metalúrgico e pré-candidato à presidência da república pelo PSTU. Zé fala que, para mudar as condições do povo brasileiro e por fim a pobreza, é preciso começar a mudar a política econômica aplicada no país há décadas, tanto pelo PSDB quanto pelo PT. Seria preciso romper com os banqueiros e grandes empresários para governar, verdadeiramente, para os trabalhadores, investindo em saúde, educação, transporte, moradia e reforma agrária. "*O governo precisa tomar vergonha na cara. Parar de assinar decreto para ajudar as empresas e baixar medida provisória para evitar demissões. Ele deu mais de R$ 27 bilhões para as empresas*", diz Zé Maria na entrevista.

PÉROLA

Não sou a favor das 40 horas e as centrais (sindicais) sabem disso

PRESIDENTE DILMA , em reunião com representantes das principais empresas do setor de varejo (Agência Estado, 9/05)

PAGOU, LEVOU!

Segundo levantamento da Folha de S.Paulo, as construtoras bancaram 75% das doações ao PT. Em 2013, R$ 60 milhões dos R$ 79,8 milhões doados ao Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores vieram de empresas construtoras, entre elas Camargo Corrêa, Odebrecht e Queiroz Galvão. Os 10 maiores doadores, que além das construtoras incluem grandes grupos como a JBS Friboi, somam quase R$ 70 milhões. O que move essas empresas é o interesse em ter governos que atuem em seu favor. Não apenas visando favorecimento nos contratos públicos, mas, também, em troca de uma política econômica que as beneficiem e mantenham os seus privilégios.

LATUFF

ERICSSON CONDENADA POR HOMOFOBIA

No último dia 7, foi divulgada a sentença favorável a uma ação movida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (SP) contra a Ericsson em que ficou comprovado que o metalúrgico Maximiliano Neves Galvão foi vítima de assédio moral e homofobia no seu local de trabalho. A juíza Maria da Graça Barbosa reconheceu que o trabalhador sofreu discriminação em função de sua orientação sexual por parte de gerentes e supervisores. Os testemunhos prestados no processo evidenciam as humilhações e perseguições sofridas pelo funcionário. Maximiliano conta que foi alvo de discriminação na presença de superiores e nenhuma providência foi tomada a respeito. A decisão serve de exemplo para que outras pessoas não se calem e denunciem qualquer tipo de discriminação sofrida.

"SEXTA" BÁSICA

No dia 9 de maio, trabalhadores fizeram uma grande passeata pelas vias de Belém, interditando o trânsito e fazendo arrastões nas obras. O ato foi chamado pelos participantes da "Sexta-feira da cesta básica". Belém tem a sétima cesta básica mais cara do país, custando R$ 310, como aponta o Dieese-PA, que também estima o custo da alimentação de uma família de quatro pessoas em R$ 900. O salário mais baixo dos operários é o do cargo de servente, de R$ 773. Mais de 65% da categoria são serventes. O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (STICMB) estima que grande parte desses serventes são os únicos provedores de suas famílias. O valor inicial para o benefício é de R$ 15. Cléber Rabelo, vereador do PSTU, denunciou que muitos são obrigados a trabalhar em horas extras nos finais de semana para conseguir alimentar suas famílias.

Ministério Público encaminha denúncia contra militantes do PSTU

MATHEUS GOMES, um dos militantes do PSTU e dos ativistas indiciados

Avança o processo de criminalização no Rio Grande do Sul. Nesse último dia 9, o Ministério Público encaminhou denúncia contra sete ativistas do Bloco de Lutas, incluindo dois militantes do PSTU: Matheus Gomes e Gillian Vinicius. Entre os denunciados pelo promotor de Justiça Luís Antônio Portela estão ainda um militante do PSOL e ativistas anarquistas.

A denúncia apresentada à 9ª Vara Criminal de Porto Alegre é completamente baseada em acusações falsas, que tentam incriminar os líderes dos protestos de junho passado em crimes como associação criminosa, depredação, saques e arremesso de fogos de artifício. Em caso de condenação, as penas somadas podem chegar a 20 anos de prisão.

O inquérito original ainda indiciava os militantes no crime de milícia privada, mas o promotor não encaminhou essa denúncia. *"Todo o inquérito se baseia no papel que os manifestantes cumpriram nas mobilizações, ao organizar as manifestações e defenderem publicamente alternativas para a questão do transporte público, ou seja, pelo papel político que cada um cumpriu durante as grandes mobilizações de junho"*, explica Matheus Gomes.

No dia 25 de março, a direção do PSTU-RS e Zé Maria, presidente nacional do partido, se reuniram com o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (PT), denunciando o inquérito. O PSTU fez um alerta sobre os métodos da polícia para incriminar os ativistas, semelhantes aos da ditadura. Na ocasião, Tarso Genro foi obrigado a concordar que os crimes relatados pelo MP não constituíam "o modo de ação das organizações envolvidas", ao mesmo tempo em que tentava se justificar, dizendo que tinha condições limitadas de interferir no processo. Em todo caso, pediu para que se aguardasse o pronunciamento do Ministério Público.

Enfim, o MP se pronunciou e decidiu levar adiante essa farsa. É preciso que Tarso Genro e o governo Dilma se pronunciem sobre o caso. Podemos ter, em pleno governo do PT, militantes presos por lutarem.

A tentativa de criminalização, porém, não desanima os ativistas. *"Estou revoltado, mas não vou abaixar a cabeça! Precisamos do apoio de todos! Agora é hora de fortalecer a campanha contra a criminalização dos movimentos sociais em todo o país e fazer crescer nossa luta na rua"*, disse Matheus.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Romerito Pontes, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ – maceio@pstu.org.br | pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ – Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Maricoré, 34 - Cachoeirinha
CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia@gmail.com
pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI – R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - [illegible]
fortaleza@pstu.org.br
JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel.
(88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul.
(61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br
pstubrasilia.blogspot.com

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt-28, casa 02 - Setor Leste Universitário.
(62) 3541.7753 | goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo.
(98) 8812.6280/8888.6327
saoluis@pstu.org.br
pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto.
(67) 3331.3075/9998.2916
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001.
bh@pstu.org.br | minas.pstu.org.br
BETIM - (31) 9986.9560
CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724
ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 166/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647
JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro.
pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0470 | pstumariana@gmail.
UBERABA – R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: [illegible] 3226.6825
belem@pstu.org.br

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368. joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro
MARINGÁ - R. Tai, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO

RECIFE – Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE [illegible]
pernambuco@pstu.org.br
www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA – R. Quintino Bocaiúva, 421. teresina@pstu.org.br
pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br | rio.pstu.org.br
MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDO Correios de Vaz Lobo.
DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.
d.caxias@pstu.org.br

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro.
niteroi@pstu.org.br
NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151
NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira
NOVA IGUAÇU – R. Barros Júnior, 546 - Centro
VALENÇA - [illegible] org.br
VOLTA REDONDA – R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado.
(24) 3112.0229 | [illegible]

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430. natal@pstu.org.br
pstum.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre.
(51) 3024.3486/3024.3409
portoalegre@pstu.org.br
pstugaucho.blogspot.com
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816
PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherme. (54) 9993.7180
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722
SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831
[illegible]
CRICIÚMA – R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579
pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO - saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604
ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98198 6893
BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com
CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | campinas@pstu.org.br
GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484
MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530
PRESIDENTE PRUDENTE – R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032
RIBEIRÃO PRETO – R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Elíseos. (16) 3637.7242 | ribeirao@pstu.org.br
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro.
(11) 4339.7186 | saobernardo@pstu.org.br
pstuabc.blogspot.com
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista.
(12) 3941.2845 | sjc@pstu.org.br
EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631
SUZANO - (11) 4743.1365
suzano@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas.
(79) 3251.3530 | aracaju@pstu.org.br

Convocação do time de luta para o dia 12 de junho!

O mal-estar geral sentido pelos trabalhadores com a inflação em alta, o endividamento crescente das famílias e os serviços públicos deteriorados abrem espaço à mobilização. Os trabalhadores estão literalmente entrando em campo com seus métodos radicalizados de luta!

Nos últimos dias, várias categorias entraram em greve: rodoviários, construção civil, professores, funcionalismo de todas as esferas, metalúrgicos da Imbel (fábrica de armas) e muitos outros. A exemplo dos garis, que realizaram uma greve em pleno carnaval, agora outros trabalhadores prometem ir para a luta em plena Copa do Mundo da FIFA! Para isso, estão dando um olé nos sindicatos pelegos e partindo para o contra-ataque.

Apesar da propaganda intensiva na TV para que os trabalhadores entrem no clima da Copa da FIFA, o que vemos até agora é que a disposição de luta está maior que a empolgação com os jogos. Até porque o povo pobre e trabalhador não terá dinheiro para pagar os ingressos caríssimos. Nem próximos dos estádios poderão ficar. Pelo contrário, nas regiões próximas às arenas, centenas de famílias foram removidas de suas casas. Além disso o preço dos aluguéis subiram muito, provocando uma onda de ocupações de terras e prédios pelo movimento popular.

A Copa da FIFA revelou aos trabalhadores a ganância das grandes construtoras e das grandes empresas, que pretendem ter lucros altíssimos com o megaevento à custa de trabalhadores. As inúmeras mortes dos operários que construíam os estádios, como o caso mais recente do jovem trabalhador Muhammad Ali, em Cuiabá, escancara a realidade de que, na Copa do Mundo da FIF,A o povo está fora do jogo.

Por isso, no dia 12 de junho, quando irá acontecer o primeiro jogo da Copa, a escalação em que os trabalhadores serão os verdadeiros artilheiros é a da luta unificada de todas as categorias, movimentos populares e juventude para dar um cartão vermelho à FIFA, àsempreiteiras, aos banqueiros e às grandes empresas. Exigimos saúde, educação, transporte, moradia, salário e reforma agrária.

> Devemos fazer do dia 12 de junho um dia de mobilização que unifique as lutas. Várias categorias anunciam que se suas reivindicações não forem atendidas “na Copa vai ter greve”!

O governo Dilma, pra se beneficiar com os jogos tentou, mas não conseguiu impedir os protestos contra as injustiças da Copa do Mundo. O povo não é bobo, não se deixou enganar e luta em defesa de seus direitos enquanto cai a aprovação do governo e as intenções de voto em Dilma.

A oposição conservadora - o PSDB de Aécio e o PSB de Eduardo Campos - também não é alternativa. O povo já conhece a velha direita. Por isso eles não decolam nas pesquisas.

Nesse jogo de cartas marcadas, é preciso construir um terceiro campo, dos trabalhadores e da juventude que apresente um programa que atenda às vozes das ruas. É preciso construir uma alternativa operária e socialista nas lutas e nas eleições, por isso apresentamos a pré-candidatura do metalúrgico Zé Maria à presidência da república.

Devemos fazer, em 12 de junho um, dia de mobilização que unifique as lutas. Várias categorias anunciam que se suas reivindicações não forem atendidas “na Copa vai ter greve”! A classe trabalhadora percebe que, com a proximidade do mundial, é o momento de lutar para obter vitórias. Em um país em que a prioridade sempre são os banqueiros, os grandes empresários e o governo só está preocupado em aparecer para os investidores internacionais, a Copa será um momento privilegiado para mostrarmos que quem constrói as riquezas deste país e não é chamado para a festa da FIFA, não está dormindo. Entrou em campo para lutar por seus direitos.

Você está convocado para entrar em campo e dar um basta à inflação, aos baixos salários e às injustiças da Copa da FIFA. Vamos colocar o time dos lutadores em campo, unificar as lutas e tomar as ruas do nosso país! Vem pra rua! Na Copa vai ter luta! Nesse jogo, o resultado se decide nas ruas!

Somos negros e negras: uma banana para o racismo!

Por que não somos todos macacos?

TAMIRIS RIZZO,
da Secretaria de Negros e Negras do PSTU

Talvez a melhor resposta para o vergonhoso ato de racismo contra o jogador Daniel Alves, na Espanha, no dia 27 de abril, tenha sido dada por operários de uma fábrica que, ao receberem bananas durante o almoço, as arremessaram no chão. Devolveram a fruta transformada em símbolo do racismo para seus patrões.

Tão espontâneo quanto à atitude de Daniel, que comeu a banana destinada a lhe insultar, o ato dos trabalhadores foi o oposto da lamentável campanha #somostodosmacacos, iniciada por Luciano Huck e Neymar. Pra lá de equivocada e igualmente racista, a campanha ainda foi movida por interesses completamente alheios à luta contra o racismo.

Huck, pensando em lucros, lançou uma camiseta. Neymar, cujo histórico nesse campo é marcado por enormes bolas fora – em 2010, o jogador disse que "nunca, nem dentro, nem fora do campo" sofreu racismo. "até porque não sou preto, né?" – posou para as fotos orientado por sua agência de publicidade, a "Loducca", em uma jogada de marketing.

GESTO DE DANIEL ALVES que motivou toda a discussão

A LUTA CONTRA O RACISMO É URGENTE

Todo debate que se abriu a partir do ocorrido só demonstra o quanto o racismo, não só nos gramados, vem se intensificando. Nos campos, basta lembrar Balotelli, Tinga, Arouca, o árbitro Márcio Chagas da Silva que também foram alvo de racismo nos campos.

Na Europa, em particular, por trás da banana lançada, está o aumento das políticas segregacionistas e anti-imigração, incentivada pelos governos como forma de responder ao problema da crise econômica, culpabilizando os povos e nacionalidades oprimidas pela derrota da política econômica neoliberal, que segue priorizando os privilégios de empresários, banqueiros, do FMI e da falida União Europeia.

Evidentemente, a vida daqueles atacados nos campos em nada se assemelha, por sua condição material e de classe, ao racismo enfrentado pelos imigrantes e trabalhadores negros do continente europeu. Muito menos ao que corre solto no Brasil, onde um verdadeiro genocídio vitima Amarildos, Douglas, Jeans e Claúdias e jovens são acorrentados em postes.

Contudo, tanto o que se passa nos campos quanto o que é enfrentado nas vielas das comunidades pobres e majoritariamente negras têm algo em comum: a ideologia racista, alimentada pela classe dominante e os governos de plantão.

ANIMALIZAÇÃO A SERVIÇO DA EXPLORAÇÃO E DO GENOCÍDIO

A atitude de Daniel foi progressiva, na medida em que surpreendeu os racistas, desqualificando o insulto e, assim, jogando holofote sobre o que poderia passar como "apenas" mais um caso de racismo nos gramados.

No entanto, não basta "comermos as bananas" que os racistas nos jogam. É preciso dar o troco e pôr fim a esses arremessos que só tem uma única finalidade: propagar a ideologia de que negros são tão inferiores e tão animais quanto os primatas.

No Brasil, em particular, essa ideologia asquerosa foi mascarada pela "teoria do embranquecimento" e a farsa do "mito da democracia racial", que procuram mascarar o forte racismo que existe no país e que prega que somos um país "misturado", onde não há racismo e "somos todos iguais".

Algo que não resiste a qualquer análise da realidade, num país onde são gritantes as desigualdades político-econômicas e sociais entre brancos – que compõem a quase totalidade da elite e possuem todos os privilégios – e negros e negras que padecem com a miséria, a falta de acesso a direitos básicos e humilhações piores ainda das que são enfrentadas nos campos de futebol.

Por isso mesmo, nós do PSTU, não concordamos sequer por um segundo com qualquer tentativa de perpetuar ideologias que animalizam negros e negras. Não queremos que se repitam casos como o da trabalhadora Claudia Ferreira que foi arrastada pela polícia do Rio de Janeiro, como um saco de lixo; num exemplo asqueroso da coisificação do negro.

Como também não admitimos ou iremos continuar convivendo com casos como o do o bailarino Douglas (DG) e tantos outros jovens, exemplos lamentáveis de um país onde um negro tem 135% mais chances de morrer que um branco. Crimes cometidos porque a nossa vida, parece ser "menos humana", passível de ser descartada pela elite e suas policias.

SOMOS NEGROS E NEGRAS, NÃO SOMOS MACACOS!

No slogan do vídeo lançado pela agência de Neymar se afirma que "a melhor forma de acabar com um preconceito é não se irritar; é naturalizando a ação como um fato comum para que, enfim, seja possível aliviar o peso da opressão."

Discordamos totalmente dessa afirmação. A melhor maneira de acabar com o preconceito é tornando-o visível, "desnaturalizando" os preconceitos e os cortando pela raiz. Nenhum negro ou negra é obrigado ou pode conviver pacificamente com a opressão. Nem tem o dever de se alienar e tomar a opressão como algo natural.

Muito pelo contrário. Queremos que negros e negras tenham orgulho de se reconhecer como afrodescendentes, sem que isso os assemelhe aos macacos e sem que tenham o mesmo destino de seus irmão e irmãs que tiveram suas vidas roubadas pela política racista das UPP's ou pela faxina étnico-racial praticada pelos governos.

Por isso mesmo, não queremos ter nada a ver com atores, "celebridades" (vários, inclusive, a anos luz da defesa da população negra, como Datena e Reinaldo Azevedo) que entraram para a campanha do #somsotodosmacacos e tiraram fotos com bananas.

Muito menos não nos confundimos como gente como Aécio Neves, que, além de, de repente, se reivindicar como negro, tirou uma foto ao lado dos "tucanafros". E menos ainda com a presidente Dilma, que elogiou tanto a ação de Daniel quanto a de Neymar, afirmando que iremos ter uma "Copa das cores" e sem racismo.

UMA LUTA DE RAÇA E CLASSE

Propomos, aqui, uma reflexão, a todos e todas (brancos e negros) que querem lutar contra o racismo. É possível mudar a realidade racista dos gramados e da sociedade tratando a animalização do negro como algo natural? Teríamos nós, negros e negras, o dever de comer quantas bananas para deixarmos a história do racismo de lado? (como defendeu Danilo Gentilli em uma mensagem ao ativista Thiago Ribeiro, em 2012).

É mais eficiente nos assumirmos como macacos ao invés de seres humanos negros? Haveria alguma chance de DG, Amarildo ou Claudia, ou outros vítimas do genocídio, terem tido o peso do racismo suavizado pela ação da campanha #somostodosmacacos? Na nossa opinião, não!

O único caminho para que tudo isto deixe de existir é um só: colocar, lado a lado, brancos e negros da classe trabalhadora no combate ao racismo.

Somos negros, somos negras, bananas para o racismo!
FIFA e CBF, exigimos punição aos casos de racismo!
Contra violência racista na copa.
Pelo fim do genocídio ao povo negro e trabalhador
Desmilitarização,já! ■

Os haitianos no Brasil: mais uma face da recolonização imperialista

SÍLVIA FERRARO, da Redação

Andando pelas ruas do bairro do Glicério, no centro da capital paulista, encontramos um pedacinho do Haiti no Brasil. São haitianos, homens e mulheres, que estão chegando, depois de um percurso sofrido, que envolve desde a travessia da República Dominicana, do Equador e do Peru por coiotes e a calamidade nos galpões no Acre, até chegarem ao tão sonhado "*sul maravilha*" do país na esperança de encontrar trabalho.

Desde 2011, estima-se que mais de 20 mil haitianos chegaram ao Brasil. O terremoto foi um desencadeador, mas a imigração não se deve a esta causa natural. O imperialismo se utilizou do drama do terremoto para acelerar seu plano de recolonização do país, com a parceria e submissão do Brasil que comanda a ocupação militar pelas tropas da ONU. Essa situação faz do Haiti um país sem nenhuma perspectiva de desenvolvimento soberano.

HAITIANOS EM BRASILEIA (AC) , cidade porta de entrada para tentarem uma vida mais digna, no Brasil

MÃO DE OBRA BARATA

As zonas francas da indústria têxtil são verdadeiras cadeias de exploração que exportam produtos manufaturados para os Estados Unidos com valor da mão de obra tão competitivo quanto o da China. Um trabalhador haitiano recebe apenas US$ 5 ao dia. "*A divisão internacional do trabalho já decidiu qual o papel do Haiti: fornecer mão de obra barata. Mais de 80% dos haitianos com curso superior deixam o país, sendo que há dois fluxos migratórios: um que é chamado de 'cérebros', principalmente para o Canadá, e o outro de trabalhadores manuais, para as ilhas da circunvizinhança do Haiti, e agora cada vez mais para o Brasil*", afirma Franck Seguy, pesquisador haitiano que desenvolveu uma tese sobre o processo de recolonização de seu país.

OCUPAÇÃO VERGONHOSA

A capital Porto Príncipe, onde ocorreu o terremoto, continua sem água limpa para uma população de 150 mil pessoas que ainda vive em tendas e abrigos. Os governos brasileiros de Lula e, depois, de Dilma Rousseff encabeçam esta vergonha farsa chamada de missão de paz (Minustah) e reconstrução do país. O Haiti não se encontra em guerra, e não há reconstrução nem nas principais áreas onde ocorreu o terremoto.

É vergonhoso o papel do Brasil de submissão ao imperialismo norte-americano para barganhar um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, utilizando as tropas para supostamente pacificar zonas de conflito. Este é o mesmo papel que as forças de segurança cumprem nas favelas do Rio de Janeiro. O governo Dilma desempenha, também no Haiti, um papel repressor aos movimentos sociais e ao povo pobre e negro. Inclusive, muitos soldados que hoje reprimem a população nos morros do Rio foram treinados no Haiti.

CONDIÇÕES SUB-HUMANAS

Os imigrantes que chegam em busca de alguma dignidade se deparam com uma dura realidade, a começar pelos chamados vistos humanitários que não são oferecidos a todos. Isso obriga os haitianos a uma situação de extrema vulnerabilidade ao terem de atravessar as fronteiras sem visto. Os coiotes cobram cerca de US$ 4 mil para trazê-los ao Acre, numa viagem que dura, em média, 15 dias e na qual correm vários riscos de morte.

Durante muito tempo, os haitianos ficaram em condições sub-humanas num galpão em Brasileia, na fronteira do Acre com a Bolívia. Houve várias denúncias de violação de direitos humanos. O auge foi em março deste ano, quando surgiu a notícia de que 2.300 haitianos ocupavam um espaço onde caberia 300 pessoas. A cheia no Rio Madeira foi a desculpa para o governador do Acre, Tião Viana (PT), decidir fechar o local no dia 12 de abril.

Esta atitude, longe de resolver qualquer crise, agravou a situação dos haitianos que continuam chegando a Brasileia e, agora, dormem nas ruas até serem transferidos para um abrigo em Rio Branco, capital do Acre. O fato deu origem à chegada massiva dos haitianos a São Paulo. O governo do Acre tentou se livrar do "*problema*" e passou a alugar ônibus que trazem os haitianos. Só no mês de abril, chegaram à cidade cerca de 800 imigrantes.

JOGO DE EMPURRA

O governo de Geraldo Alckmin (PSDB), famoso por seu perfil repressor, declarou, via Secretaria de Justiça, que a chegada estava se dando de forma irresponsável. Já o prefeito Fernando Haddad (PT) negocia o controle da entrada de haitianos na cidade, com um limite de 40 pessoas por dia.

Esta responsabilidade é, em primeiro lugar, do governo brasileiro, pela situação de miséria do Haiti, o que obriga a população a migrar para o Brasil. O governo de Dilma, assim como os governos do Acre e de São Paulo, apoiam a ocupação militar do Haiti. Eles colaboram ativamente para o processo de recolonização, causando miséria e superexploração.

Em São Paulo, não há um espaço de acolhida garantido nem pela Prefeitura, nem pelo Estado. O primeiro lugar que procuram é a Paróquia Nossa Senhora da Paz, que fica no bairro do Glicério. A igreja procura garantir os primeiros encaminhamentos, mas também não dá conta de todas as necessidades dos imigrantes. Na semana passada, a Prefeitura inaugurou um abrigo para apenas 120 pessoas, mas sem equipamentos e profissionais necessários.

TRABALHO PRECÁRIO

Os haitianos vêm com a promessa de trabalho e ficam esperando a contratação pelos empresários que buscam de mão de obra barata e qualificada. A maioria é empregada na indústria da construção civil ou no agronegócio, como fazendas de produtos para exportação e frigoríficos em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Estes empresários pagam salários baixíssimos. Muitas vezes, os trabalhadores haitianos são aliciados para trabalho escravo.

Os haitianos que, em sua grande maioria, deixam filhos e família no Haiti, acabam pagando aluguéis caríssimos. Um cubículo na região do Glicério, com banheiro e cozinha coletivos, custa R$ 700 ao mês. Outras vezes, por não falarem português, são enganados ou roubados, aumentando o caráter extremamente doloroso da imigração.

UM DISCURSO DEMAGÓGICO

Em junho deste ano, completam-se dez anos da ocupação militar no Haiti. Uma década na qual o governo do PT é subserviente e também se aproveita da ocupação para garantir os negócios de seus aliados. É o caso das empresas têxteis do falecido empresário e ex-vice-presidente José de Alencar. São dez anos de discurso demagógico e hipócrita sobre missão de paz e humanitária.

Lutas e greves entram em campo

Nosso time é dos trabalhadores em luta!

DA REDAÇÃO

Faltando poucos dias para o início da Copa, diversas categorias se mobilizam em paralisações ou greve em todo o país. Uma onda de greves atinge as mais diversas categorias: servidores públicos federais, trabalhadores da educação de diversos municípios, operários, trabalhadores do transporte coletivo, da construção civil, da limpeza urbana e aeroportos. A luta por moradia também tem se ampliado desde junho, assim como a repressão da polícia ao movimento popular.

Há quase um ano, o país foi sacudido pelas mobilizações de junho. Desde então, os trabalhadores e a juventude não pararam de lutar.

A inflação corroí o poder de compra dos salários. O aluguel nas alturas consome boa parte do rendimento familiar, e o endividamento dos trabalhadores não para de crescer. Porém, a vida dura de quem trabalha se choca com a enorme riqueza dos empresários e banqueiros e a farra com o dinheiro gasto na Copa. Esse é o cenário que envolve as greves e lutas que se espalham pelo país

Apesar da ampla diversidade das categorias e suas pautas especificas, algo em comum em todas as lutas é o sentimento de que só a mobilização poderá conquistar vitórias.

Em muitos casos, as lutas começam com uma autèntica rebelião de base, o qual os trabalhadores saem na luta passando por cima dos sindicatos pelegos que ficam ao lado dos patrões. Confira abaixo o time dos trabalhadores que estão em luta.

Greve operária agita Cubatão

Mais de 15 mil operários rejeitam proposta da patronal e cruzam os braços

GABRIEL CASONI, de Santos (SP)

Cubatão, 5 de maio. Ao pé da grandiosa Serra do Mar, milhares de operários se concentram na refinaria Presidente Bernardes, da Petrobras. São trabalhadores da obra da nova unidade de diesel, petroleiros terceirizados e operários das empreiteiras instaladas no parque industrial da região. A multidão toma conta da avenida e não está para brincadeira: é hora de iniciar a greve geral da categoria.

Afinal, a proposta da patronal é uma provocação: 6% de aumento salarial, Participação no Lucros (PL) rebaixada e nenhuma melhora nas condições de trabalho. O sindicalista mal consegue terminar a leitura dos pontos, a indignação toma conta da massa. A proposta é rejeitada por unanimidade. Logo, o presidente do sindicato faz um alerta: "*para iniciarmos a greve é preciso respeitar as 72 horas de aviso legal, assim estaremos protegidos no tribunal*". As vaias pipocam por todos os lados: os operários querem a greve imediatamente. "*Desde quando o tribunal ficou do nosso lado? É greve já*", disse um trabalhador.

A REVOLTA OPERÁRIA

Em 7 de maio, a greve chega ao seu terceiro dia e atinge cerca de 15 mil trabalhadores de 37 empreiteiras. Na Vale Fertilizantes, nenhum terceirizado compareceu ao trabalho. Nas demais petroquímicas (Anglo American, Petrocoque, Carbocloro, etc.), o cenário é idêntico. A adesão espontânea e em massa à paralisação é generalizada.

Mas um fato chama atenção. Na refinaria, alguns pequenos grupos de pelegos e chefes conseguem furar o movimento. A multidão operária do lado de fora fica furiosa. Centenas de trabalhadores cercam as portas da unidade e exigem a retirada dos fura-greves. O clima esquenta. A massa vai invadir a refinaria? Apavorada com essa possibilidade, a direção da Petrobras fecha um acordo com o sindicato: nenhum terceirizado poderá entrar na empresa enquanto a greve for mantida. Assim, inusitadamente, a Petrobras se viu obrigada a "reforçar" o piquete do movimento.

OPERÁRIOS VERSUS PATRÕES

No dia 8, a patronal mantém a proposta e aposta no jogo duro. O tribunal do trabalho propõe 0,5% a mais de reajuste salarial. Novamente, os operários recusam a proposta e mantém a greve.

"*Sem a gente nada funciona aí, o pessoal tá unido. Só não pode dar mole pra pelego. Vamos até o fim*", explica um operário com segurança e tranquilidade. Esse é o ânimo de homens e mulheres que constroem a riqueza do país. Querem apenas uma vida digna e estão dispostos a batalhar por isso. E sabem contra quem lutam: os patrões e seus lambe-botas.

A GREVE CONTINUA

Mais uma vez, a CSP-Conlutas e o PSTU estão presentes em solidariedade ativa ao movimento. No dia 12, a proposta da patronal foi novamente rejeitada e a greve continua por tempo indeterminado. A batalha promete ser dura. Se os patrões se põem intransigentes na negociação, os trabalhadores se mostram firmes na greve. A peãozada quer a vitória, e não vai ser fácil derrotá-la.

Motoristas e cobradores

No dia 8 de maio, as cidades do Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC), Campinas (SP), municípios do Grande ABC (SP), Curitiba (PR) e Belém (PA) amanheceram com greves, paralisações ou protestos de motoristas e cobradores de ônibus.

No caso do Rio de Janeiro, a greve ocorreu contra a direção do sindicato pelego, que havia fechado um acordo com as empresas de ônibus sem consultar a categoria. A paralisação foi de 24 horas e atingiu cerca de 90% da frota dos 8.700 ônibus que circulam pela cidade cotidianamente.

Na pauta de reivindicações os grevistas exigem o fim da dupla função motorista-cobrador; salário de R$ 2.500 para os motoristas, R$ 1.400 para os cobradores e reajuste de 40% para demais funções; cesta básica de R$ 400 e jornada de trabalho de seis horas. A CSP-Conlutas está na greve dos rodoviários apoiando incondicionalmente sua luta.

A aliança da grande imprensa com os governos e o sindicato pelego tentaram desmoralizar a greve. Mas a população demonstrou apoio aos grevistas. Isso ocorre porque ninguém aguenta mais pagar R$ 3 por um serviço de péssima qualidade. Todos os dias, a população é refém de ônibus superlotados, que demoram horas para chegar aos pontos, e transportam os passageiros sem nenhuma segurança. São horas num trânsito infernal numa cidade em colapso.

Para solucionar a crise do transporte público, o PSTU defende o atendimento à todas as reivindicações dos trabalhadores rodoviários; a ampliação da frota de ônibus para melhor atender a população; a criação de novas linhas de ônibus para alcançar as áreas da cidade onde o serviço não chega; tarifa zero à toda população; estatização das empresas de ônibus sem nenhuma indenização à máfia do transporte.

3 Profissionais da educação

No Rio de Janeiro, os profissionais das redes públicas da educação estadual e municipal entraram em greve no último dia 12. As duas redes possuem 140 mil professores e funcionários. O piso do professor da rede municipal é de R$ 1.587. Os funcionários recebem de piso R$ 937. Na rede estadual, o professor recebe um piso de R$ 1.081 e o funcionário R$ 903. Os trabalhadores unificaram a pauta de reivindicações.

Em São Paulo, no dia 23 de abril os trabalhadores da educação do município entraram em greve por melhorias para a categoria. O governo Haddad (PT) segue a mesma política do Kassab e Serra. Destina verbas para a terceirização e convênios, paga a divida pública e destina verbas para a Copa, mas diz que não há dinheiro para a educação.

A deliberação por greve saiu depois de inúmeras negociações sem acordo. Contrariando o compromisso assumido na greve do ano passado e desrespeitando os trabalhadores da educação, o governo apresenta uma proposta que desconsidera o conjunto da categoria, a carreira e os aposentados.

Após uma linda manifestação no dia 7 de maio que lotou a Avenida 23 de Maio, a categoria saiu mais fortalecida para as negociações, mostrando que a greve tem fôlego e que os educadores não permitirão o desmonte da educação pública.

Em Belo Horizonte, uma greve unificada dos profissionais da educação, servidores municipais, da administração, procuradoria e da limpeza urbana. A reivindicação é por aumento de 15% nos salários. A prefeitura de Marcio Lacerda (PSB) ofereceu um reajuste de apenas 5,4%. Os trabalhadores rejeitaram a proposta e deflagraram a greve.

4 Servidores públicos federais

No último dia 7, a categoria realizou um bloqueio na sede do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) e impediu que funcionários daquele órgão entrassem para trabalhar, inclusive o secretário de Relações de Trabalho no Serviço Público, Sérgio Mendonça. A força da mobilização obrigou o governo a convocar uma reunião com as categorias em greve, Fasubra e Sinasefe. Mendonça assumiu o compromisso de consultar as instâncias superiores para discutir a abertura de negociações até 22 de maio e apresentar uma resposta à categoria.

O protesto da categoria chegou a reunir aproximadamente 5 mil trabalhadores. *"A força da mobilização obrigou o governo a chamar a negociação com as categorias em greve, pois percebeu que os servidores que vieram de todos os cantos do país para Brasília estão com disposição de luta. Isso fortalece a nossa campanha e impulsiona as mobilizações nas diversas categorias"*, disse Paulo Barela, da CSP-Conlutas.

5 Movimento popular

No dia 8 de maio, em oito estados do país, ocorreram protestos por moradia. Em São Paulo, integrantes do MTST ocuparam sedes de três empreiteiras que participam da construção dos estádios. Dias antes, um terreno em Itaquera, próximo do estádio que vai abrigar a abertura da Copa, foi ocupado pelo movimento, formando a ocupação "Copa do povo".

Muitas ocupações estão enfrentando a mão dura da repressão lançada pelos governos. No dia 7, a Polícia Militar invadiu e reprimiu violentamente os moradores da Ocupação William Rosa, em Contagem (MG). As famílias foram surpreendidas com tiros de bala de borracha e bombas de gás lacrimogêneo, enquanto faziam uma assembleia. A PM, comandada pelo governo de Antônio Anastasia (PSDB), não tinha mandado legal. Tampouco o prefeito de Contagem, Calin Moura (PCdoB) tomou qualquer atitude para impedir a repressão, muito menos atua para resolver o problema da falta de moradia na cidade.

Como saldo do terrorismo provocado pela PM, dois moradores foram presos e passaram a noite inteira na delegacia e só foram liberados no dia seguinte. O Luta Popular de MG já contabilizou dez moradores feridos por estilhaços de bombas, balas de borracha e agressões com cassetetes.

Em ano de Copa do Mundo, quando bilhões escoaram para as empreiteiras para a construção de estádios, quem apanha é quem não tem onde morar. Mas a luta por moradia continua e enfrenta as tentativas de criminalizar os movimentos sociais.

No dia 12, trabalhadores vão para o ataque

SEBASTIÃO CARLOS 'CACAU', de São Paulo (SP)

Em vários estados já ocorreram plenárias e encontros para organizar as manifestações no dia 12 de junho, data da abertura da Copa.

Um encontro nacional chamado pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa também definiu por realizar as manifestações neste dia em unidade com todos os setores dispostos a lutar.

Entre as categorias de trabalhadores também estão sendo alinhados os calendários de mobilização, tendo o dia 12 de junho como data de referência. É, por exemplo, o caso do Fórum dos Servidores Federais.

A CSP-Conlutas realizará a reunião de sua Coordenação Nacional no final de semana que antecede o dia 12 de junho. Até lá, a Central e suas entidades filiadas vão apoiar, unificar e fortalecer as mobilizações em curso, canalizando para o dia 12 de junho os atos e manifestações de rua, em particular a manifestação na cidade de São Paulo, que abre o torneio.

Chega de dinheiro para banquei saúde, educação, transporte, mo

DA REDAÇÃO

Dia 8 de maio, quinta-feira. As obras da Arena Pantanal, em Cuiabá (MT), recebiam seus últimos acabamentos quando um operário recebeu uma descarga elétrica, caiu de uma altura de dois metros e morreu no local. O operário tinha o mesmo nome do lendário boxeador negro, Muhammad Ali Maciel Afonso, e apenas 32 anos. O Ministério do Trabalho aponta indícios de que o jovem trabalhador não contava com equipamentos de segurança adequados e, além disso, atuava fora de sua função (de montador).

Muhammad é o nono operário a perder a sua vida nas obras dos estádios da Copa. É mais uma vítima da ganância das grandes empreiteiras e da omissão do governo, que já despejou R$ 30 bilhões nas obras para os jogos e, ao mesmo tempo, permite a superexploração dos trabalhadores até o ponto em que questões de segurança são completamente ignoradas. É um exemplo da injustiça social em que vivemos e da opção do governo Dilma, a mesma que faz com que os serviços públicos estejam à míngua num momento em que bancos e empresas lucram como nunca.

Em todos os cantos do país, porém, a classe trabalhadora está se levantando, encabeçando verdadeiras rebeliões de base que, muitas vezes, atropelam seus sindicatos pelegos e vão à luta para melhorar de vida. Nas cidades, os sem-tetos ocupam prédios e se mobilizam por moradia digna. Nas periferias, por sua vez, o povo pobre se revolta contra a repressão e a violência da polícia, que promove uma verdadeira matança contra jovens negros. Categorias como o funcionalismo e os operários da Ambev ameaçam: na Copa vai ter greve. É preciso unificar essas lutas e chamar todos às ruas no próximo dia 12 de junho, início dos jogos do mundial.

Operários que trabalham na reforma do Castelão (CE).

Cresce um mal-estar entre a população

Se antes havia um clima predominante de otimismo e bem-estar no país, agora isso não é mais assim. O crescimento econômico acelerado de 2007 e 2008, acompanhado por um aumento na criação de empregos e crédito abundante, ficou para trás. O cenário, hoje, é de desaceleração, com um PIB (Produto Interno Bruto, a soma de todas as riquezas produzidas pelo país) quase parando. Isso porque, se num primeiro momento o governo conseguiu impedir que a crise internacional se transformasse numa recessão, abrindo os cofres e despejando bilhões aos bancos e empresas, hoje essa política econômica mostra seu esgotamento.

Novos empregos já não surgem como antes, a inflação corrói os salários e as dívidas das famílias crescem enquanto a torneira do crédito se fecha. Ou seja, esses elementos já não podem ser utilizados pelo governo para esconder a piora dos serviços públicos e a enorme injustiça social que faz com que haja, na prática, um país dos ricos e outro para os pobres.

CRISE INTERNACIONAL

A atual situação do país desmascara, ainda, o que o então governo do PT e parte da imprensa afirmavam: que o Brasil seria uma ilha de prosperidade em meio à crise econômica internacional. Quem não se lembra de Lula dizendo que a crise de 2008 não passava de uma "marolinha"?

A crise não só não era uma marolinha, como está longe de terminar. E arrasta o Brasil junto. Quando estourou a crise econômica, os governos, com os EUA à frente, seguido pela Europa, despejaram uma montanha de dinheiro sem paralelo na história, para evitar a quebra do sistema financeiro. Junto a isso, os trabalhadores pagavam a conta dessa crise com o desemprego e um rebaixamento dos direitos históricos e salários, aliado ao desmonte do que restava do Estado de bem-estar social, no caso da Europa.

Mas o que isso tem a ver com o Brasil? A crise no centro da economia capitalista afetou o comércio mundial, reduzindo a demanda por novos produtos. Com isso, a China, a "fábrica do mundo", diminuiu suas importações dos países mais importantes e, consequentemente, passou a comprar menos matérias-primas, sobretudo do Brasil. Essa espécie de engrenagem da economia capitalista, em que o Brasil se encaixava como fornecedor desses produtos, começou a parar e afetou o país. Diminuiu a demanda por matériasprimas, como soja e minério de ferro, ao mesmo tempo em que se reduziu, também, seu preço no mercado internacional. Em 2013, o país teve o menor superávit comercial (a diferença em valores de tudo o que o país importa e exporta) em 13 anos e 2014 começou com déficit (prejuízo).

O governo Lula, e depois Dilma, tentaram compensar isso com uma política de estímulo ao mercado interno. O crédito fácil, as obras do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento), o Minha Casa, Minha Vida (que transfere bilhões às construtoras e não resolve o problema da moradia) fazem parte disso. Para viabilizar essa política, o governo reduziu impostos de empresas e ofereceu a elas bilhões do BNDES, como no caso das montadoras. Mas os capitalistas preferem investir seu dinheiro na especulação, ou, como as montadoras, remeter todo seu lucro para o exterior, do que investir aqui.

Mas se o imperialismo conseguiu impedir que a crise se transformasse numa depressão, ou seja, que a economia fosse de vez para o buraco, não conseguiu uma recuperação sustentável. Ao contrário, o mundo passa por um crescimento bastante lento. Com isso, aumenta a pressão do imperialismo e do sistema financeiro internacional sobre o Brasil. Ou seja, se reforça a exigência para um Superávit Primário (economia que o governo faz para pagar a dívida pública) maior e o aumento dos juros, que garantam uma espoliação ainda maior do país pelo sistema financeiro. Aumenta a pressão por mais subsídios, isenções, cortes nos direitos dos trabalhadores e toda sorte de facilidades para

ros e empreiteiras! Por salários, radia e reforma agrária!

as multinacionais, como as montadoras, poderem lucrar e remeter mais recursos às suas matrizes.

Não é por menos que as mesmas montadoras, que receberam bilhões em subsídios, agora ameacem uma demissão em massa. Mais uma vez, querem jogar o peso da crise nas costas dos trabalhadores.

BARRIL DE PÓLVORA

Os banqueiros internacionais, o imperialismo e a burguesia querem mais. Mais aperto fiscal, mais privatizações, mais juros, mais ataques aos direitos e salários dos trabalhadores. Por outro lado, a situação da economia piora e a tensão interna só cresce e se polariza.

As medidas de transferência de renda do governo, como o Bolsa Família, os novos empregos precarizados e os serviços públicos privatizados já não conseguem, por si só, garantir a paz social. Pelo contrário. Foram essas condições que desataram, em junho passado, a maior onda de mobilizações de rua que esse país já viu.

A insatisfação se generaliza cada vez mais entre a população, que vai percebendo que do jeito que está não pode ficar e exige mudança. A experiência de junho mostrou, ainda, que a saída está nas ruas e vem se desdobrando nas explosões de revoltas populares e das categorias mais exploradas e oprimidos da classe.

Todos às ruas no dia 12 de junho! Na Copa vai ter luta!

Em fevereiro, os garis do Rio deram o sinal. Junto a isso, os operários do Comperj (Complexo Petroquímico do Rio), das refinarias de Cubatão, e mais recentemente, os rodoviários do Rio e de várias partes do país protagonizam verdadeiras rebeliões. Há uma efervescência e uma enorme disposição de luta na classe trabalhadora, cansada com a inflação, as dívidas crescentes e indignada com os gastos com a Copa. Há uma onda de lutas das categorias em campanhas salariais.

É necessário unificar essas lutas, tal como apontou o Encontro Espaço Unidade de Ação "Na Copa Vai ter Luta", realizado em março passado. O encontro reuniu a CSP-Conlutas e vários sindicatos, movimentos sociais e populares e apontou o dia 12 de junho, abertura da Copa do Mundo, como um dia nacional de luta e mobilizações. Só um grande movimento unificado pode garantir, nas ruas, as reivindicações de cada categoria em luta, assim como as bandeiras levantadas em junho. Só a ação direta pode derrotar a inflação, conquistar aumento nos salários e reforma agrária, como forma de baratear o custo dos alimentos para o povo brasileiro.

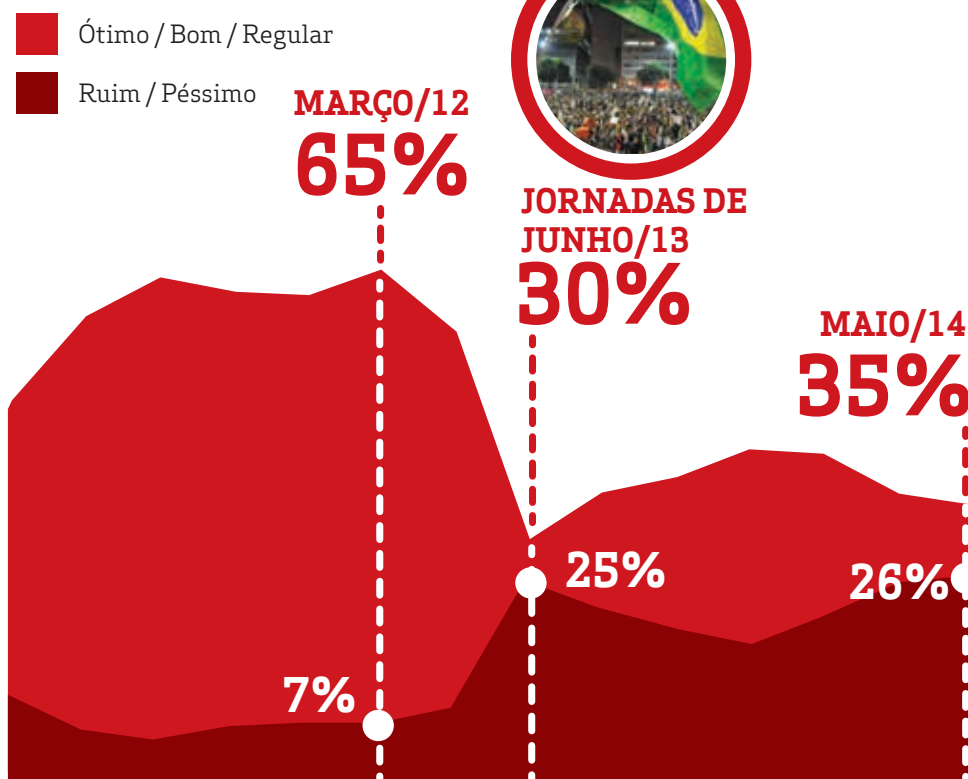
Só um movimento unificado pode, ainda, derrotar a repressão e a criminalização dos movimentos sociais. É preciso ir às ruas exigir que se pare de dar dinheiro às grandes empreiteiras e à Fifa, e que se garanta mais recursos para saúde, educação, transporte e moradia!

Governo se desgasta, mas direita não é alternativa

Quase um ano depois das Jornadas de Junho, nada foi feito em relação às principais reivindicações colocadas pelas ruas. Os serviços públicos continuam precários e mesmo a tarifa dos transportes, que foi o estopim para os protestos que varreram o país, está passando por nova rodada de aumentos.

O governo Dilma, que sofreu um desgaste enorme durante as manifestações, conseguiu uma relativa recuperação no decorrer de 2013, mas, neste ano, enfrenta nova queda. A presidente Dilma conta com 37% das intenções de votos, segundo pesquisa do Datafolha divulgada no início de maio. Só para lembrar, logo após junho o governo contava com apenas 31% de aprovação (pouco antes dos protestos, Dilma tinha 55% de aprovação).

Já pesquisa da CNT, divulgada no final de abril, aponta uma piora na avaliação do desempenho pessoal de Dilma, cujo índice está abaixo até de junho. Dos pesquisados, 47,9% aprovam a atuação da presidente, contra 49,3% no ano passado. Tal resultado seria fruto de uma *"deterioração de todos os índices sociais: emprego, renda, saúde e educação"*, segundo o instituto de pesquisa.

No 1º de maio, Dilma realizou um pronunciamento calculado para conter essa tendência de queda, de olho nas eleições de outubro. Anunciou medidas como o aumento do Bolsa Família e a correção da tabela do Imposto de Renda em 4,5%. No entanto, assim como as medidas anunciadas em junho, essas tampouco vão significar alguma melhoria significativa para a classe trabalhadora. A correção da tabela do imposto está muito abaixo da estimativa da inflação para 2014, previsto em pelo menos 6%. E abaixo, também, da defasagem do último período, calculada em 61,42% pelo Sindifisco Nacional. Já o aumento do Bolsa Família vai custar ao governo R$ 1,7 bilhão, menos do que os gastos com repressão e segurança durante a Copa, calculado em R$ 1,9 bilhão.

DIREITA: MAIS DO MESMO

Com o desgaste do governo, a oposição de direita tenta se lançar enquanto alternativa. Mas, tanto Aécio Neves (PSDB) quanto Eduardo Campos (PSB) e a sua vice Marina Silva, representam a continuidade da mesma política neoliberal dos governos anteriores. Ambos tentam explorar, por exemplo, o escândalo na Petrobras, mas não dizem que foi justamente a política privatista do governo tucano que possibilitou casos como a compra superfaturada da refinaria de Pasadena.

A grande maioria da população percebe isso, o que se expressa na pesquisa eleitoral que, embora aponte uma tendência de queda da candidata à reeleição não traz um conseqüente aumento dos candidatos da direita. Aécio cresceu apenas 4% (de 16% para 20%) após uma superexposição na mídia, e Eduardo Campos patina ainda nos 11%.

Ou seja, apesar do desgaste de Dilma, o povo não quer a volta da direita. Isso se expressa na mesma pesquisa que indica que 74% desejam uma mudança na forma do país ser governado.

UMA ALTERNATIVA DE CLASSE

Isso reforça a necessidade do fortalecimento de uma alternativa operária e socialista para as eleições, que represente as reivindicações colocadas por junho e aponte uma mudança de fato. Isso só vai ocorrer com o não pagamento da dívida pública; investimento maciço em saúde, educação e transporte; aumento geral nos salários; para combater a inflação, e redução da jornada de trabalho, para erradicar o desemprego. Um programa que enfrente os privilégios dos grandes bancos e empresas e faça uma opção clara pela classe trabalhadora. É com esse programa que se compromete a pré-candidatura de Zé Maria à presidência.

Demissões e afastamentos ameaçam emprego nas montadoras

Apesar de isenções fiscais do governo federal, a proteção ao emprego não aconteceu. Desde o início de 2014, cerca de 1.500 trabalhadores foram demitidos

DA REDAÇÃO*

Ao primeiro sinal de "crise", as montadoras de automóveis iniciam um processo de afastamentos temporários, lay-off (suspensão do contrato de trabalho em que os trabalhadores recebem apenas parte do seu salário da empresa,), procedimento que poderá causar demissões nas grandes empresas. Nos últimos três meses, alegam os patrões, houve uma queda nas vendas de cerca de 2%, o que aumentou os estoques nos pátios das empresas.

Recentemente, os trabalhadores da Volkswagen do ABC paulista foram supreeendidos com demissões. Foram demitidos 21 trabalhadores lesionados que têm estabilidade no emprego, o que é um direito histórico da categoria, reafirmado pela convenção coletiva. Agora, o lay-off da Volks vai afastar cerca de mil trabalhadores a partir do próximo dia 19. A Mercedes afastou 2000 trabalhadores e já demitiu 700 através de PDV (Plano de Demissão Voluntária). Na Scania, já foram dispensados 250 trabalhadores e o restante entrará de férias coletivas. A Peugeout Citroen também já disse que vai aplicar o lay-off. A General Motors e a Fiat também já anunciaram férias coletivas e planos de demissão voluntária (PDV). Outras empresas, pelo menos neste momento, como as asiáticas Honda Toyota e Hunday, ainda não anunciaram qualquer medida. Todas elas continuam com a produção crescendo e tiveram aumento médio de cerca de 5% nas vendas.

O FABULOSO LUCRO DAS MONTADORAS NO BRASIL

Para justificar essas medidas, as montadoras estão alegando que passam por um momento "difícil". Mas a verdade é que as empresas ganharam rios de dinheiros no último período. Nos últimos cinco anos, houve um crescimento de 21% na produção. E o lucro obtido pelas multinacionais foi enviado para o exterior. Mais de US$ 15,4 bilhões foram remetidos em lucros para suas matrizes.

O faturamento das montadoras é fácil de explicar. Os lucros das montadoras aumentaram graças à desoneração fiscal oferecida pelo governo Dilma, como a isenção do IPI (Imposto sobre Produto Industrializado) e o Programa Inovar-auto, que consumiram cerca de R$ 27 bilhões. Esse dinheiro, que poderia ser investido em saúde, educação e melhoria dos serviços públicos, foi usado para subsidiar os lucros das grandes montadoras.

Foi por isso que a maioria das marcas resolveu se instalar no Brasil nos últimos anos. Um estudo do Sindipeças aponta que montar um carro aqui ainda é mais lucrativo que nos Estados Unidos, por exemplo. Segundo o levantamento, as despesas das montadoras instaladas no país representam 58% do preço final do carro. Nos EUA, o índice chega a 91%.

EMPREGO NÃO FOI GARANTIDO

Apesar das isenções de impostos às montadoras, a proteção ao emprego, de fato, não aconteceu. Desde o início de 2014, cerca de 1.500 trabalhadores perderam seus empregos nas montadoras. Somente a General Motors fechou 1.217 postos de trabalho no Brasil, desde janeiro de 2012, jogando por terra o discurso do governo e dos patrões de que a redução do IPI garantiria empregos. Além disso, as empresas impõem uma política de rotatividade a qual demitem trabalhadores com salários maiores, para depois contratar com salário menor.

UMA PROPOSTA PARA SALVAR EMPREGOS?

A imprensa vem anunciando que o governo Dilma já tem pronta uma minuta de medida provisória para ser editada. O chamado Programa Nacional de Proteção ao Emprego (PPE) vem sido vendido como uma ação do governo para impedir as demissões. No entanto, o programa vai permitir a flexibilização da jornada de trabalho e a redução de salários. Com a proposta, as montadoras poderiam afastar os trabalhadores por dois anos, que teriam a sua jornada reduzida em 20%, 50% ou até 80%. Os trabalhadores também teriam seus salários reduzidos em quantidade a ser negociada.

O governo bancaria uma parte do salário, com o dinheiro do FGTS e do Tesouro Nacional, e a empresa outra pequena parcela, também a ser negociada. No final das contas, é o governo, mais uma vez, transferindo dinheiro público para os cofres das montadoras.

Muitos trabalhadores podem se perguntar: afinal, não vale a pena fazer isso para salvar nossos empregos?

A experiência em outros países onde propostas semelhantes foram adotadas mostra que isso não aconteceu. As demissões continuaram apesar dos governos injetarem dinheiro público. Vejamos alguns exemplos.

DA ALEMANHA VEM O EXEMPLO

A proposta apresentada pelo governo e os sindicatos da CUT é inspirada em um modelo de acordo adotado na Alemanha. Diante da ameaças de demissões, o governo alemão resolveu bancar parte dos salários dos trabalhadores, mas isso impediu as demissões.

Recentemente, a Ford anunciou que poderá desativar a unidade da cidade de Colônia e demitir 17.600 trabalhadores. Os operários da GM, em Bochum, também estão lutando contra o fechamento da fábrica, que pode deixar sem emprego 45 mil trabalhadores, direta ou indiretamente. A GM vem tentando, há pelo menos seis anos, fechar uma planta na cidade.

A direção sindical da IG Metal (sindicato nacional dos metalúrgicos alemães), depois de fazer dezenas de acordos que reduziram direitos e não garantiram os empregos, tem negociado com a empresa o fechamento e as suas propostas estão sendo recusadas pelos

trabalhadores que querem lutar e manter seus postos de trabalho. Os operários ameaçam entrar em greve contra o fechamento da fábrica, mesmo sem o apoio do sindicato local.

OFENSIVA DAS MONTADORAS

Uma sucessão de ataques e ameaças de fechamentos de empresas pairam em vários outros países. Na França, a PSA GM quer fechar uma planta e demitir até 8.500 trabalhadores.

A Ford anunciou o fechamento da planta na Bélgica, no final do ano passado, o que também tem gerado protestos. As sucessivas concessões feitas nesta empresa pelos sindicatos, com redução de direitos e salários, não impediram que a multinacional tomasse esta decisão.

Na Itália, a veterana Fiat tem promovido uma forte reestruturação, com diminuição dos postos de trabalho, fechamento de plantas e chantagens sobre os trabalhadores.

REESTRUTURAÇÃO DA GM POR OBAMA

Outro exemplo vem dos Estados Unidos. Lá, o governo Obama ficou com a maioria das ações e o controle da administração da GM. A saída da concordata, no início de 2009, implicou no fechamento de 17 fábricas, na extinção de diversas marcas, na demissão de 35 mil trabalhadores e na criação de uma "Nova GM", fruto da reestruturação.

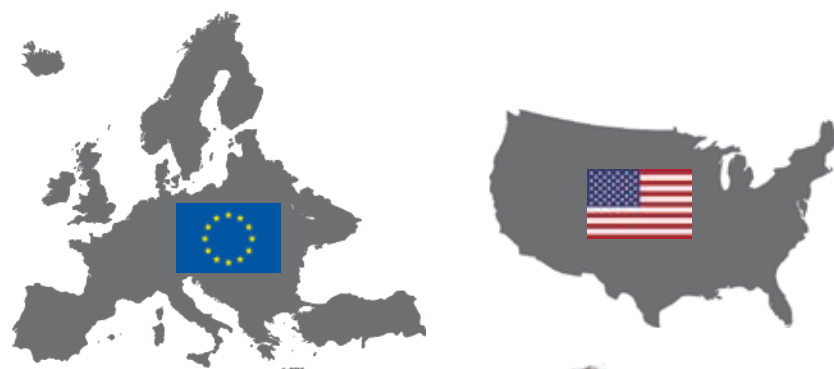
Em colaboração com o sindicato da UAW (que se transformou em "sócio" da empresa), foram criadas novas estruturas salariais que rebaixaram à metade o salário da nova geração de trabalhadores (a 12 e 16 dólares por hora frente aos 32 dólares recebidos anteriormente). Essa foi a base da forte reestruturação nos EUA, onde quem pagou a conta da crise foram os trabalhadores

RECEITA INEFICAZ

Como se pode ver, não é possível confiar nos acordos feitos entre patrões e os governos, que têm a anuência dos sindicatos. Essa "receita" leva inevitavelmente a demissões, pois as empresas querem produzir mais, com menos trabalhadores e salários mais baixos, fechar fábricas, diminuir os postos de trabalho e aumentar cada vez mais losucros.

Por isso, os trabalhadores das montadoras precisam exigir que não se faça nenhuma demissão após o lay-off. Para isso, é preciso organizar e unificar as lutas e defender os empregos. Só a mobilização dos trabalhadores pode evitar que o lay-off não se transforme em demissão.

É preciso acabar com a sangria das remessas de lucro das montadoras. Esse dinheiro deve ser reinvestido na produção aqui no país. Os US$ 15 bilhões de remessas poderiam assegurar a manutenção de 25 mil empregos.

*COLABORAÇÃO DE **CAROL COLTRO**

Papelão das centrais governistas

A CUT, mais uma vez, cumpre um papel vergonhoso em defesa dos patrões. Além de apoiar a proposta do governo, a central age como se fosse uma parceira dos patrões. Chegam a justificar as medidas anunciadas pelos patrões afirmando que *"os principais gargalos que estão prejudicando o setor e quais medidas devem ser adotadas para retomar a produção de carros, ônibus e caminhões e garantir os empregos da categoria"* (Site do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC).

O que os sindicatos da CUT deveriam fazer neste momento é chamar o governo a editar uma Medida Provisória que defenda os empregos dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que poderíamos organizar um encontro dos trabalhadores destas empresas para preparar a luta e barrar as demissões, com manifestações e paralisações. A situação política do país mudou desde as manifestações de junho. As categorias que saem em luta estão arrancando vitórias. Um encontro permitiria unificar a luta com as diversas categorias, movimentos populares e a juventude.

Receita para garantir o emprego

Essas são as medidas que realmente defendem o emprego dos trabalhadores

NENHUMA DEMISSÃO APÓS LAY-OFF!

A experiência em outros países mostra que o tipo de acordo feito entre o governos e as montadores não garantiu empregos. Por isso, os trabalhadores das montadoras precisam exigir que não se faça nenhuma demissão após o lay-off. Para isso é preciso organizar e unificar as lutas e defender os empregos. Só a mobilização dos trabalhadores pode evitar que o lay-off se transforme em demissão.

MEDIDA PROVISÓRIA PARA BARRAR AS DEMISSÕES!

O governo tem baixado muitos decretos nos últimos anos para ajudar os patrões. Foram R$ 27 bilhões em isenção de impostos. Agora, a presidente Dilma deveria baixar pelo menos um decreto para proteger os trabalhadores. Assim, acabando com essa farra das montadoras, proibindo as demissões e garantindo estabilidade para todos.

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO

Uma histórica reivindicação dos trabalhadores é a redução da jornada de trabalho sem redução de salário. Essa medida poderia evitar demissões e empregar quem não tem trabalho.

FIM DAS REMESSAS DE LUCRO!

É preciso acabar com a sangria das remessas de lucro das montadoras. Os US$ 15 bilhões de remessas poderiam assegurar a manutenção de mais de 25 mil empregos caso fossem reinvestido na produção aqui no país.

UNIFICAR AS LUTAS

Unificar a luta de todas as categorias que estão ameaçadas de demissões em massa e organizar uma jornada de lutas em defesa do emprego, direitos e salários. A começar pela base da CUT e demais centrais. ■

LIT-QI realiza seu 11° Congresso e debate desafios da luta de classes

Congresso prepara organização para a disputa política e ideológica do próximo período

SECRETARIADO DA LIT-QI

Realizou-se em São Paulo (Brasil), entre 6 e 12 de abril passado, o 11º Congresso da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI). Máxima instância de direção de nossa Internacional, o Congresso transcorreu no marco de uma realidade rica e dinâmica.

Por um lado, essa realidade está marcada pela continuidade do impacto da crise econômica aberta em 2007. Apesar de não se encontrar em seu ponto mais baixo, especialmente nos Estados Unidos, a crise continua em níveis quase recessivos na Europa e agora atinge com mais força os chamados "países emergentes", entre eles os latino-americanos. Ao mesmo tempo, fica cada vez mais evidente que haverá um estancamento da economia chinesa.

Por outro lado, junto à continuidade de processos da luta de classes que já vinham de anos anteriores, como na Europa (com todas as suas contradições) e no mundo árabe, especialmente Egito e Síria, soma-se o início de uma forte instabilidade na América Latina. Percebe-se o fim da tranquilidade relativa dos anos anteriores, que tinha encerrado o período de turbulência dos processos revolucionários. Tem início uma grave crise ou, pelo menos, um importante desgaste de vários governos de frente popular ou populistas de esquerda que, nos anos anteriores, dominaram sem discussão a cena política continental. Encerra-se assim o ciclo de ascenso desses governos e começa, dentro desse processo, um grande desgaste da corrente castro-chavista.

A esse ascenso da luta de classes devemos incorporar no Brasil, com as "jornadas de junho" de 2013, que expressou a profunda insatisfação de importantes setores da sociedade brasileira.

As características específicas desse último processo, sua "espontaneidade" e as tendências "anti-partido" de setores da vanguarda, só podem ser entendidos a partir da crise de direção revolucionária e a confusão que permanece em muitos setores devido à queda do "socialismo real". Este problema (a crise de direção), na verdade, está presente em todos os processos e explica muitas de suas contradições e desigualdades, como no caso do mundo árabe.

UM NOVO MOMENTO DA LIT

Outro elemento presente no Congresso foi a continuidade do desenvolvimento e crescimento da LIT-QI.

A crise de direção revolucionária e seus reflexos em cada país é o que, em última instância, explica a forma como ocorrem os processos da luta de classes, com suas agudas contradições e desigualdades.

Ao mesmo tempo, como diz Trotsky no Programa de Transição, a resposta a essa crise de direção revolucionária é a tarefa mais estratégica e, ao mesmo tempo, a mais urgente para os revolucionários. Tarefa que a LIT-QI expressa com a proposta de "reconstrução da IV Internacional".

Nesse sentido, a situação mundial vai abrindo cada vez maiores possibilidades de intervenção da LIT-QI e, assim, de crescer e avançar no marco dessa intervenção. O próprio congresso discutiu a necessidade de diferenciar entre os espaços de "intervenção" nos movimentos e de "construção" partidária, que tem suas próprias leis e exigem tarefas específicas.

No marco dessa discussão, constatou-se que a LIT-QI continuou crescendo desde seu último congresso. Ampliou suas áreas de atuação a novos países e regiões. Neste congresso, isso se expressou na incorporação da delegação do Senegal, que só pode chegar após o início das sessões e foi recebida com um grande aplauso. Também nos pequenos, mas "grandes" avanços (já que se partia quase do zero) na intervenção nos processos do mundo árabe, especialmente na guerra civil síria. Ou na presença de um delegado da Turquia, com a nova realidade do país e sua enorme importância como "elo" entre a Europa e o mundo muçulmano.

Por outro lado, também cresceu a inserção e participação de várias de suas seções nos processos da luta de classes (greves, manifestações, confrontos) e outros fatos da realidade, como a legalização e participação eleitoral de várias seções, um sinal de amadurecimento dessas organizações.

Como exemplo, citamos o PSTU brasileiro, ativo participante dos processos de junho de 2013 e impulsionador de uma central sindical, pequena, mas real e dinâmica, a CSP-Conlutas. Ou a participação eleitoral simultânea de três seções centro-americanas (PT da Costa Rica, PST de Honduras e UST de El Salvador).

No caso da Europa, que havia sido votada como prioridade no Congresso anterior, ocorreu um fortalecimento de suas seções, várias das quais participarão das eleições europeias (como o MAS de Portugal e Corriente Roja da Espanha) e intervêm ativamente nos processos de reorganização, como na Espanha (com a participação em Cobas e Hay Que Pararle los Pies) e Itália (onde se impulsiona No Austerity, uma coordenação das lutas).

INTENSAS POLÊMICAS

Esta realidade rica e dinâmica foi objeto de análise ao longo dos diferentes pontos do congresso. E, como não podia deixar de ser, ocorreram debates intensos, resultado de enfoques e percepções diferentes da realidade, que derivam, por sua vez, em diferentes táticas ou propostas de ação.

Assim ocorreu, por exemplo, nos pontos sobre Síria e Egito. Debateu-se o caráter da guerra civil síria, a definição de cada um de seus campos e a posição a adotar diante dela. Discutiu-se a dinâmica geral da revolução no Egito, o significado da tomada do governo pelos militares e como atuar diante da repressão sobre a Irmandade Muçulmana. Outro ponto intensamente debatido foi a melhor tática e forma de organização para lutar contra a opressão das mulheres.

Outros intensos debates ocorreram em torno à situação na Europa, especialmente sobre a melhor tática e programa para intervir nas lutas e fazer avançar nossas organizações. O caso do Brasil e a situação aberta em junho de 2013 foram também objeto de profunda discussão no congresso.

Esses debates, mesmo com divergências, ocorrem no marco de uma profunda unidade estratégica. Fazem lembrar os intensos debates e discussões da corrente bolchevique russa ao longo de toda a sua história, que serviram de base para o partido que dirigiria a revolução de 1917. Expressam uma organização internacional viva e, ao mesmo tempo, mais complexa por sua inserção em diferentes realidades e percepções dessas realidades.

A CONSTRUÇÃO DOS PARTIDOS REVOLUCIONÁRIOS

Outro debate que atravessou o congresso é decisivo para a construção de organizações operárias revolucionárias neste período.

A crise capitalista e o avanço polarização da luta de classes proporcionam aos revolucionários grandes possibilidades de crescimento. Amplos setores da vanguarda operária e juvenil avançam para posições combativas e se radicalizam. Entram nos processos revolucionários com toda sua força e frescor e, ao mesmo tempo, com suas falsas ilusões no "aprofundamento da democracia". Não reconhecem uma referência socialista nem de destruição do capitalismo.

> A ligação com o proletariado é garantia para construir organizações muito sólidas e não sujeitas aos "modismos" ideológicos habituais na esquerda. E também porque nosso modelo de socialismo com democracia operária só pode ser construído com a mobilização permanente e auto-determinada das massas, dirigidas pela classe operária

Sobre esses limites na consciência se apóiam as pressões brutais que a burguesia e seus mecanismos exercem sobre todas as organizações (tanto revolucionárias como centristas e reformistas), na medida em que cresce o espaço para seu desenvolvimento. Isso é inevitável: quanto mais avança uma organização, maiores são as pressões que exercem sobre ela as instituições da democracia burguesa, os processos eleitorais, a mídia, os organismos sindicais.

Isto sempre foi assim, e se aprofunda diante da radicalização da luta de classes. A imensa maioria das organizações de esquerda anti-capitalista, inclusive as que vêm do trotskismo (como o ex- Secretariado Unificado), capitulam a essas pressões, abandonando estratégias, programa e concepção de partido e internacional, transformando-se em organizações eleitoralistas, reformistas, economicistas.

Não se trata de um problema abstrato. Por exemplo, quem assume um cargo sindical, começa a receber pressões para ser "moderado" ou para "não se meter em política". Quem é eleito parlamentar, começa a ter acesso aos meios de comunicação, recursos financeiros à sua disposição, a "ser importante" e receber um tratamento diferenciado, sofre a pressão para conseguir votos a qualquer custo. E isso é ainda mais verdadeiro no que se refere à organizações e a tentação de buscar de "atalhos" para as massas e para a construção do partido.

Isso é o que chamamos de "vendaval oportunista", que levaram muitas delas a capitular ao chavismo há uns anos, como agora o fazem com o Syriza grego, que se intensifica com a evolução da situação, ao qual, na LIT, vimos enfrentando.

Essas pressões, que mudaram o caráter de muitas dessas organizações, incidem também sobre os partidos revolucionários e sobre nós mesmos. O futuro e o caráter de qualquer organização estão determinados por sua capacidade de enfrentar essas pressões. E o primeiro passo para combatê-las é reconhecer que elas existem e identificá-las. Em geral, a capitulação a essas pressões começa pela negação das mesmas.

Não se trata de adotar a estéril "pureza" dos sectários que, para não contaminar-se, não intervêm nos processos. Não temos vocação para "seita".

Trata-se de atuar a fundo, lutando com audácia para que nossas organizações cresçam, avancem, ampliem sua influência, sem abandonar o programa, a política e o caráter de uma organização revolucionária e, ao mesmo tempo, lutando contra essas pressões e esses perigos. Apesar de não existirem receitas ou esquemas, é bom recordar as premissas que Nahuel Moreno sempre indicava às organizações que orientava: "ser mais operário, mais marxista e mais internacionalista que nunca", como um mecanismo diante de todas as pressões da realidade.

A ELABORAÇÃO TEÓRICA E PROGRAMÁTICA

Entre os aspectos assinalados por Moreno, um teve destaque especial: a conclusão de que não poderemos avançar e, ao mesmo tempo, combater as pressões se não partimos de um estudo profundo da realidade internacional e das realidades nacionais. E, a partir desse estudo, avançamos na elaboração de respostas teóricas e programáticas para essa realidade. Em particular, aos novos processos e fenômenos derivados da restauração do capitalismo na ex-URSS e no Leste da Europa.

Junto com essa resposta, a elaboração deve estar a serviço da luta ideológica, tanto contra as correntes burocráticas e reformistas, quanto o atraso na consciência das massas em que essas correntes se apóiam.

Muitas vezes se comete o erro de acreditar que a luta ideológica é só para os "tempos tranquilos" e não para os de maior luta de classes. É bom recordar o critério de Federich Engels de que os revolucionários devem sempre impulsionar três tipos de luta: a econômica, a política e a ideológica.

Na verdade, é nos momentos mais agudos da luta de classes que a batalha ideológica se torna mais necessária, porque são os momentos em que nossos partidos têm mais possibilidades de crescer e é mais dura a disputa com as outras correntes.

Um desses aspectos da elaboração é o estudo profundo e permanente das revoluções anteriores. Tomamos, neste sentido, aquilo que ressaltava Trotsky quando dizia que para os bolcheviques teria sido impossível dirigir a revolução russa de 1917 sem haver estudado e refletido profundamente sobre os processos da Revolução Francesa até os acontecimentos de 1905 na própria Rússia.

Consequente com essa análise, uma das principais definições do congresso da LIT-QI foi votar como tarefa privilegiada o estudo e a elaboração de uma atualização teórico-programática. Ao mesmo tempo, resolveu-se destinar importantes recursos, entre fundos e quadros experientes, a essa tarefa e à formação e educação dos membros da Internacional, com seminários e cursos.

> Uma das principais definições do congresso da LIT-QI foi votar como tarefa privilegiada o estudo e a elaboração de uma atualização teórico-programática. É nos momentos mais agudos da luta de classes que a batalha ideológica se torna mais necessária

A PROLETARIZAÇÃO

Também foi importante reafirmar a necessidade de implantar-se na classe operária, ou seja, proletarizar a Internacional e suas seções, como estratégia de construção que fortaleça cada vez mais nosso caráter de classe e nosso papel como revolucionários.

Novamente com Moreno, a ligação com o proletariado é, por um lado, a única garantia para construir organizações muito sólidas e não sujeitas aos "modismos" ideológicos habituais na esquerda. E também porque nosso modelo de socialismo com democracia operária só pode ser construído com a mobilização permanente e auto--determinada das massas, dirigidas pela classe operária. Assim entendemos a necessidade e "ser mais operários que nunca".

UM FINAL COM ENTUSIASMO

Dessa forma, cansados pela intensidade das sessões e debates, mas satisfeitos pela tarefa cumprida, os delegados e convidados encerraram o congresso cantando os versos da Internacional em vários idiomas. Foi uma forma de dizer: estamos firmes e com grande entusiasmo para seguir a luta, agora melhor armados politicamente depois dos ricos debates e das resoluções precedentes. ■

Anarquismo e reformismo

Último artigo da série Marxismo e Anarquismo

HENRIQUE CANARY, da Secretaria Nacional de Formação

Nos dois primeiros artigos desta série das edições nº 471 e 473 do **Opinião** discutimos a concepção anarquista em relação ao Estado e à economia. Vimos como, desde um ponto de vista de sua estratégia e visão de mundo, o anarquismo se revela, no final das contas, uma corrente romântica e utópica. Agora, a modo de conclusão, tentaremos demonstrar como, apesar das sinceras aspirações revolucionárias de seus defensores, a teoria e a prática anarquistas levam ao mais completo reformismo.

A NEGAÇÃO DA POLÍTICA PELO ANARQUISMO

Os anarquistas rejeitam todo tipo de autoridade, poder e hierarquia. Para eles, o proletariado não deve lutar pela conquista do poder político, mas pela abolição do próprio poder. A conquista do poder político pelo proletariado, segundo o anarquismo, abriria apenas uma nova fase de opressão sobre a sociedade, desta vez exercida em nome da igualdade e do socialismo. Assim, os anarquistas negam a política e admitem apenas a luta econômica ou a "ação direta". Mas o que isso significa?

Para existir e prosperar, uma sociedade precisa produzir, educar, cuidar de seus doentes, desenvolver sua infraestrutura, defender-se de inimigos externos etc. No entanto, ainda que cada uma dessas esferas possa ter certa iniciativa, elas não são nem autônomas, nem independentes umas das outras. Vivemos em uma sociedade complexa e integrada. Por isso, os rumos gerais que essas esferas seguirão serão decididos em uma esfera superior, à qual cada uma das esferas inferiores está subordinada. Esta esfera superior é a política. A política é, portanto, a esfera decisória da sociedade. É o lugar onde as coisas são realmente definidas.

A malha viária do país deverá privilegiar o transporte ferroviário ou rodoviário? A educação deverá priorizar a transmissão das conquistas universais da ciência e da cultura ou a mera preparação para o mercado de trabalho? Gastaremos mais dinheiro com os juros da dívida pública ou com a saúde? Essas questões são chaves para o desenvolvimento do país e não são decididas automaticamente, nem são meramente "técnicas", como a burguesia quer nos fazer acreditar. São questões políticas, decididas na esfera política.

Portanto, a rejeição do anarquismo à política quer dizer simplesmente que os trabalhadores devem abrir mão de opinar sobre estes e outros assuntos. Mas como sabemos, sempre que esses assuntos não são decididos através da luta da classe trabalhadora (com suas ações de massas, suas greves, seus protestos), acabam sendo decididos pelos meios burgueses tradicionais: os gabinetes de políticos, as câmaras de vereadores, as assembleias legislativas, o congresso nacional e o poder judiciário.

> Qualquer iniciativa dissociada de uma estratégia de luta pelo poder é absolutamente inócua e inofensiva para o Capital.

MUDAR O MUNDO SEM TOMAR O PODER?

Há uma ideia, amplamente difundida, de que o poder não deve mais ser um objetivo dos lutadores sociais. Segundo esta concepção, de inspiração anarquista, a verdadeira transformação do mundo não passa mais por um novo poder central. O "verdadeiro poder" se encontraria supostamente "disperso" e "diluído" na sociedade: no bairro onde moramos, na empresa onde trabalhamos, nas relações entre os indivíduos etc. Desta forma, o objetivo de todos aqueles que querem um mundo melhor seria lutar para mudar o "pequeno poder", jamais o "grande poder". Daí que as propostas de como ter um mundo melhor passem sempre, segundo este tipo de concepção, por iniciativas no nível "micro" da sociedade: empresas cooperativas, "economia solidária", formas alternativas de pedagogia, de gestão de recursos naturais em cada domicílio, de mídia etc. Cada uma dessas propostas pode ser correta até certo ponto. No entanto, dissociadas de uma estratégia de luta pelo poder, tais iniciativas são absolutamente inócuas e inofensivas para o poder do capital que, nas últimas décadas, se concentrou e se centralizou mais do que nunca, e, por isso morre de rir quando tentam acabar com ele abrindo uma lojinha colaborativa.

Operários trabalham na fabricação de máscaras do personagem V, protagonista do romance gráfico de Alan Moore. O personagem se tornou símbolo de grupos anarquistas e horizontalistas durante as Jornadas de Junho.

A "AÇÃO DIRETA"

O anarquismo faz uma grande propaganda sobre a "ação direta" das massas, opondo-a à ação institucional dos partidos. Muitos ativistas sinceros acreditam nesta história que, na verdade, não passa de uma grande confusão e um engano.

Ora, os marxistas também encaram a mobilização direta das massas nas ruas como a única e verdadeira ação revolucionária, enquanto a ação parlamentar é sempre, para os marxistas, uma questão de segunda, terceira ou talvez até quarta importância. Se fosse esse o debate, estaríamos todos de acordo. Mas não estamos. E por que?

Porque por "ação direta" o anarquismo não entende simplesmente a ação de rua, a mobilização e a luta direta das massas. Para o anarquismo, a "ação direta" é o ato através do qual uma pessoa (exatamente, pode ser apenas 1 pessoa) muda direta e imediatamente as suas condições de vida. Daí que os anarquistas dêem tanta importância aos pequenos confrontos com forças policiais isoladas, à autogestão operárias em fábricas isoladas, às rebeliões individuais no comportamento e nos costumes. Para o marxismo, esses podem ser fatos importantes, belos exemplos, escolas de luta. Mas não mais do que isso. Para o anarquismo, essas ações individuais, imediatas, "diretas", são a própria estratégia e objetivos do movimento.

A ILUSÃO ANARQUISTA

É óbvio aonde esse raciocínio vai levar: a uma série de políticas e alternativas reformistas que não vão a fundo nos problemas de nossa sociedade porque se recusam a atacar o mal pela raiz, se negam a "sujar as mãos" com a política, a colocar o problema do poder. É óbvio que anarquismo e reformismo não são a mesma coisa. O que dizemos apenas é que o anarquismo tem sido uma fecunda fonte de inspiração para o reformismo de nossos dias, ainda que não seja a única fonte.

Desta maneira, o anarquismo, tão radical em sua forma, tão extremo em suas palavras, desemboca, pela própria lógica de sua doutrina, no mais puro reformismo, no mais completo oportunismo, no culto mais infame e degradante do individualismo e do pacifismo. Em oposição a esta lógica, o marxismo afirma, como sempre afirmou: fora do poder, tudo é ilusão. ■

Upa, neguinho Jair!

Fotos: Romerito Pontes

WILSON H. DA SILVA, da Redação

No dia 8 de maio, faleceu, aos 75 anos, Jair Rodrigues, o genial intérprete de *"Upa neguinho na estrada"*, *"Disparada"*, *"O morro não tem vez"* e tantas outras músicas que encantaram a vida de milhões e tocaram de forma particularmente profunda os corações e mentes da gente pobre e negra.

Cantor e compositor que transitou da emoção à alegria marcante em gêneros que foram das baladas sertanejas – enraizadas nas suas origens em Igarapava, onde nasceu, e Nova Europa, onde cresceu, no interior de São Paulo –, da MPB ao samba e aos primeiros cantos falados que caracterizam o hip-hop.

LONGA TRAJETÓRIA E SIMPLICIDADE

Como muitos outros jovens negros, sua vida e carreira foram construídas com inúmeras dificuldades. Na juventude, trabalhou como engraxate, mecânico e pedreiro, e começou sua trajetória musical, nos anos 1950, em programas de calouros na TV e como *crooner* (cantor de baladas populares em casas noturnas).

Com seu contagiante carisma, ganhou milhões de fãs quando apresentou, ao lado de Elis Regina e o Zimbo Trio, o programa *"O Fino da Bossa"* na TV Record. Tornou-se um dos cantores mais populares do Brasil depois de fazer uma interpretação digna de imortalidade da belíssima *"Disparada"*, de Geraldo Vandré e Théo de Barros, com a qual ganhou o primeiro lugar (dividido com *"A banda"*, interpretada por Chico Buarque e Nara Leão) no Festival da Música Popular Brasileira, em 1966.

DO SERTANEJO À BOSSA NOVA E À ORIGEM DO RAP

Algumas de suas interpretações mais conhecidas foram de músicas sertanejas identificadas com sua origem interiorana, como *"O Menino da Porteira"*, *"A Majestade, o Sabiá"* e *"No rancho fundo"*. Contudo, Jair transitou, com maestria, por uma quantidade invejável de estilos.

Por exemplo, um de seus discos mais espetaculares foi *"Dois na bossa"*, gravado com Elis Regina, em 1965, recheado com reinterpretações de clássicos de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e Edu Lobo. Porém, foram nos cortiços, favelas e comunidades pobres que sua possante voz ecoou mais fundo. Seja em função de tocantes lamentos como *"Cidadão Nordestino"*, no qual canta a aflição e apego à terra do povo do agreste, seja por sambas imortais.

Em 1971, gravou o samba-enredo da Salgueiro, *"Festa para um Rei Negro"*, uma celebração à negritude cujo refrão *"ô-lê-lê, ô-lá-lá, pega no ganzê, pega no ganzá"* ainda ecoa em qualquer roda de samba. Em 1975, foi a vez de *"Não deixe o samba morrer"* (1975), que se juntou a uma fantástica lista de sambas-canção e de raiz e outras pérolas da MPB, como *"Deixa isso pra lá"*, (de Alberto Paz e Edson Meneses, 1964) – cujos gestos se tornaram quase uma marca registradas –, *"Casa de Bamba"* (Martinho da Vila), *"Leva meu samba"* (Ataulfo Alves), *"A felicidade"* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes), *"Orgulho de um sambista"* (Gilson de Souza), *"Fita amarela"* (Noel Rosa), *"Esses moços"* (Lupicínio Rodrigues) e *"Na cadência do Samba"* (Ataulfo Alves).

UMA POSSANTE VOZ DO POVO NEGRO

Apesar de ter dito que *"nunca teve problema com o racismo"* – o que, certamente, indica dificuldade na percepção da discriminação num país mergulhado na farsa da "democracia racial" – Jair não só reconhecia que *"há racismo no mundo"*, como sempre demonstrou orgulho de sua negritude.

Foi isso que o fez ser coroado, pelo público e pela crítica, como o "Rei da música negra brasileira", algo conquistado por gravações como *"A cor de Deus"*, que depois de criticar o *apartheid*, afirma, no verso final, que *"o negro é a esperança desta terra"*. Ou discos inteiros, como *"Alma Negra"*, lançado em 2005, ao lado de sua filha, Luciana Mello, cuja música-título celebra nossa ancestralidade com o refrão *"minha alma é negra como o toque do tambor"*.

Também cheias de negritude foram clássicos lindíssimos como "A voz do morro" (*"a voz do morro sou eu mesmo sim senhor"*), *"Barracão de zinco"* (*"lá não existe felicidade de arranha--céu"*), *"Madureira chorou"* (*"gente boa do subúrbio / que só comete distúrbio / se alguém os menosprezar"*), *"Lavandeiras da favela"* (*"a profissão de uma passista / é lavar roupa de madame / em medir o sacrifício / todo dia é roupa no arame"*).

Neste campo, talvez o exemplo mais marcante foi *"Upa neguinho na estrada"*, que saiu direto do musical engajado *"Arena Canta Zumbi"*, de 1965, onde era cantada por Gianfrancesco Guarnieri para celebrar a trajetória de uma criança negra escravizada, destinada a lutar pela liberdade: *"capoeira / posso ensinar / ziquizira / posso tirar / valentia / posso emprestar / mas liberdade só posso esperar..."*

A sua importância para o povo negro e sua cultura é inegável e extrapola o tempo. Basta lembrar o impacto que ele teve sobre rappers como Rappin Hood – que gravou com ele *"Disparada Rap"* – e Emicida, que o tratou como "mestre professor" na homenagem que lhe prestou no Facebook, a mesma rede social utilizada pelo DJ Marky para homenagear o cantor.

ANTENADO NAS COISAS DO MUNDO

Apesar de sua alegria característica – que incluía inusitadas acrobacias nos palcos –, Jair também cantou como poucos as mais profundas dores de nossa terra. *"Disparada"* é um marco neste sentido desde seu primeiro verso (*"Prepare seu coração, pras coisas que vou contar / eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão"*).

Assim como parte significativa de seu repertório que sempre teve um caráter político naquilo em que a arte pode cumprir um papel social: fazer o povo pensar e refletir as contradições da sociedade. Algo que, evidente em muitas das músicas acima e também na crítica feita sobre a música que contamina nossos ouvidos no presente: *"São músicas sem letras, de repente com uma palavra só, eles ficam fazendo duas horas de show (...) não gosto da forma da letra, que é sem pé nem cabeça"*.

E não falta, inclusive, uma música pouco conhecida, mas pra lá de classista: *"Operário Brasileiro"*, que, infelizmente, ainda cabe como uma luva nos dias de hoje: *"Do jeito que a vida tá / No trabalho ganho pouco / Já não dá pra suportar / este tremendo sufoco / (...) Ando de trem apertado / só chego atrasado / (...) com o baixo salário / já não sei nem o que faço / da vida virei palhaço / nesse imenso picadeiro / Ha! Sou operário brasileiro"*.

UMA HERANÇA PARA TODAS GERAÇÕES

Jair ainda deixou dois filhos músicos: Luciana Mello e Jairzinho. Contudo, sua principal herança são os 44 discos que gravou. O sorriso inesquecível estampado em seus shows e um cantar que reflete tanto as dores de nosso povo quanto a luta sem fim pelo direito à alegria, à liberdade e à felicidade. Upa, Jair! Obrigado, neguinho! ■

Por um Brasil para os trabalhadores e a juventude

Zé Maria pré-candidato do PSTU à presidência

J. FIGUEIRA, da Redação

Neste momento em que o governo e a oposição conservadora são incapazes de atenderem as reivindicações das ruas, reprimem e criminalizam os movimentos sociais, é preciso construir uma alternativa dos trabalhadores e da juventude para mudar o país. O povo quer mudanças, a insatisfação é enorme, mas não quer a volta da velha direita. É preciso dar voz às ruas e lutar contra tudo isso que está aí. É necessária uma candidatura que esteja a serviço das lutas da classe trabalhadora e da juventude em torno a um programa operário, anticapitalista e antiimperialista, que defenda uma transformação radical da sociedade rumo ao socialismo. Por isso, o PSTU aprovou em seu Encontro Nacional a indicação do metalúrgico Zé Maria como pré-candidato à presidência da eepública.

A pré-candidatura do metalúrgico Zé Maria é uma expressão das lutas da juventude e do povo que foi às ruas em junho de 2013. Expressão das greves dos trabalhadores, como os garis do Rio, os rodoviários de Porto Alegre, os operários do Comperj (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro), da luta dos servidores federais e dos profissionais de educação, do movimento popular que, com suas ocupações, conquistam casas para morar, da luta no campo contra o agronegócio e pela reforma Agrária e de negros, LGBT's e mulheres contra a opressão.

José Maria de Almeida, o Zé Maria, iniciou sua militância em meio às greves metalúrgicas do final da década de 1970, no ABC paulista, junto com Lula, com quem chegou a ser preso em 1980.

No entanto, ao contrário dos sindicalistas daquele período que foram para os palácios e assumiram os cargos no Estado, Zé Maria continuou na luta da classe operária. É atualmente dirigente da CSP-Conlutas.

O governo federal e a oposição conservadora procuram restringir o debate eleitoral aos seus candidatos. Todos eles defendem o mesmo modelo econômico, que privilegia os bancos, as grandes empresas e o agronegócio, em detrimento das necessidades e reivindicações dos trabalhadores, do povo pobre e da juventude.

O PSDB, de Aécio, é a velha direita que só vai trazer mais miséria ao povo trabalhador. O PSB, de Eduardo Campos e Marina, não se dispõe a mudar o país, sendo mais uma promessa que vai levar a outra desilusão. Por outro lado, também o governo de Dilma, do PT, não correspondeu às grandes expectativas dos trabalhadores, porque governa para os ricos e poderosos.

ALTERNATIVA DE CLASSE

Sabemos que as verdadeiras transformações sociais não virão das eleições. Só através da organização e mobilização dos trabalhadores, da juventude e dos oprimidos é que conseguiremos um plano econômico alternativo que garanta aumento geral de salários, reajuste de acordo com a inflação, congelamento dos preços e das tarifas, saúde, educação, moradia, reforma agrária e transporte para todos. O PSOL inviabilizou a constituição de uma Frente de Esquerda que apresentasse um projeto e um programa da classe trabalhadora, de transformação socialista do Brasil.

A pré-candidatura de Zé Maria quer apresentar uma alternativa nas próximas eleições que esteja a serviço das lutas, que seja um ponto de apoio à mobilização, da consciência e da organização dos trabalhadores e de todos os setores oprimidos de nosso país, pois só assim serão garantidas as profundas mudanças que o Brasil precisa. A participação nas eleições deve estar a serviço desta estratégia maior.

Vamos voltar às ruas! Vamos unificar a juventude, os movimentos populares e os sindicatos para fazer uma grande luta unificada durante a Copa da Fifa e exigir que se pare de dar dinheiro para banqueiros e empreiteiros. Não estamos sós. Os trabalhadores e a juventude da Europa, do Norte da África, do Oriente Médio, da Argentina e do Chile demonstram que é possível enfrentar e derrotar os governos e seus planos de austeridade.

É preciso lutar, é possível mudar! **#tôcomzémaria**

Seminário discute um programa de luta e socialista para mudar o Brasil

Nos dias 14 e 15 de junho, em São Paulo, se realizará o Seminário Nacional de Programa da pré-candidatura de Zé Maria à presidência da República. Queremos realizar um processo de elaboração programática que permita aprofundar e avançar o programa para a candidatura do PSTU, buscando responder, com medidas anticapitalistas e socialistas, aos desafios colocados pela realidade brasileira e mundial.

O Seminário Nacional de Programa será aberto a todos os grupos, ativistas e intelectuais que se disponham a colaborar com a campanha. Já há diversas manifestações de apoio, na cidade e no campo, à candidatura de Zé Maria.

Para garantir um Brasil para os trabalhadores e a juventude é preciso mudar muita coisa. O centro do programa deve partir das reivindicações levantadas pelas massas em junho passado como saúde, educação, transporte públicos e de qualidade, reforma agrária, aposentadoria, meio ambiente, moradia para todos e a defesa de melhores condições de vida e trabalho para os trabalhadores da cidade, do campoe a juventude.

É preciso dizer que, para mudar, o Brasil tem que ser 100% classe trabalhadora. Mudar é ser de luta e ter coragem de romper com os banqueiros para garantir a melhora significativa na vida de milhões de trabalhadores. Mudar é garantir uma lei de responsabilidade social e não pagar um tostão a mais da dívida aos banqueiros e agiotas internacionais. Mudar é garantir 10% do PIB para a saúde e 10% para a educação, em lugar de milhões para empreiteiras construírem estádios. Mudar é a estatizar o transporte público, com tarifa zero e ônibus de qualidade. Mudar é reduzir a jornada de trabalho para 35 horas semanais, sem reduzir os salários. Mudar é garantir casas para todos. Mudar é enfrentar o agronegócio e fazer reforma agrária. Mudar é acabar com a exploração. Mudar é desmilitarizar as PM's e acabar com toda violência policial na periferia. Acabar com a criminalização das lutas e com as opressões às mulheres, aos negros e aos homossexuais. Mudar é tirar as tropas brasileiras do Haiti. Mudar é fazer um governo dos trabalhadores de verdade para tomar medidas anticapitalistas.

Você está convidado. Participe do Seminário Nacional e ajude a construir um programa classista e socialista para o país.